

Monstros de Vidro

“**Monstros de Vidro**” estreou a 25 de novembro de 2011 no Teatro Carlos Alberto no Porto, num acolhimento do Teatro Nacional São João, com a seguinte ficha artística:

Texto e Direção: Ana Vitorino, Carlos Costa

Cenografia e Figurinos: Inês de Carvalho

Banda Sonora Original e Sonoplastia: João Martins

Desenho de Luz: José Carlos Coelho

Elementos Gráficos e Audiovisuais: entropiadesign

Co-criação: Ana Azevedo, Nuno Casimiro, Pedro Carreira

Interpretação: Ana Azevedo (Mulher 1), Ana Vitorino (Mulher 2), Carlos Costa (Homem 2), Pedro Carreira (Homem 1) *e ainda* Inês de Carvalho; voz-off Alice Costa

Música adicional: "Perfidia" (Alberto Domínguez), "Music to watch girls by" (Sid Ramin), "Crema Batida" (Al Caiola), "Viva la Vida-Instrumental" (Coldplay)

Coordenação Técnica: Luís Ribeiro

Produção Executiva: Joana Neto

Assistência de Produção: Helena Madeira

Produção: Visões Úteis



Este texto está sujeito a uma licença **Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Portugal**. Por favor utilize, partilhe e transforme para fins não comerciais. Mas credite sempre o original e partilhe as obras derivadas do mesmo modo.

Alguém precisa falar sobre isso

NARA KEISERMAN

Gosto de pessoas. Gostei quando a Maria João Brilhante me recomendou o Visões Úteis como um dos grupos a ser investigado no meu estágio pós-doutoral, por ela supervisionado. Gostei quando conheci o Mickael de Oliveira e ele me disse ser amigo do Carlos, e que poderia nos colocar em contato. Gostei quando o Carlos marcou nosso encontro para dez dias depois de eu ter chegado a Lisboa, e assim fui encontrá-lo na Fábrica Social, no Porto. Gostei muito do Carlos, da Ana e do Pedro, quando os conheci. E admirei imediatamente o seu trabalho. Eles também gostam das pessoas. E, talvez por isso, seu trabalho é político – e humanista.

Seu livro, *Visíveis na Estrada através da Orla do Bosque*, resultado da intrigante e riquíssima viagem que fizeram por vários países da Europa, é um verdadeiro manifesto em prol das humanidades. Por que viajaram para entrevistar as pessoas e não o fizeram por email? Porque gostam de pessoas – e apostam nos encontros. Vem daí, acredito, o seu compromisso com o que dizem, com o que fazem. Não são precisos esforços, propriamente, precisam apenas seguir seus princípios, seu caminho delineado por princípios de comprometimento e inclusão.

Para o programa de *Monstros de Vidro*, me pediram uma visão crítica do trabalho do Visões Úteis. Confesso que não estou muito certa de que serei tão crítica quanto eles esperam que eu seja.

Do meu contato com o Visões Úteis, no período entre julho e dezembro de 2010, pude conversar mais ou menos informalmente com Ana, Carlos e Pedro em diferentes ocasiões. Alguns momentos desta convivência foram marcantes. Talvez o principal tenha sido quando, ao final da apresentação de *Boom & Bang*, em Aveiro, conversando com Ana sobre as dificuldades no apuro de uma linguagem de cena para um teatro assumidamente pedagógico – não é à toa que a peça começa com a frase “Isto não é uma peça de teatro” –, ela me disse, enfática: “Alguém precisa falar sobre isso”.

E agora, porque alguém precisa falar sobre isso, encaram destemidos o púlpito que o teatro lhes confere para “lançar um novo olhar crítico ao nosso

aqui e agora”. E, para isso, retomam a experiência – fantástica – de Orla do Bosque. Pode perceber-se um movimento interessante neste retorno que não é uma volta ao igual. Percebo aí uma trajetória que tem como referência justamente a espacialidade como linguagem artística. Assim:

O Visões Úteis tem apostado no espaço fora do teatro como lugar privilegiado para experiências, além das tradicionais residências artísticas. Há em A Comissão, por exemplo, a apropriação de um espaço não teatral, mas que se mantém com sua funcionalidade prática cotidiana. A sala de convenções de hotel em que a peça é feita figura, na peça, uma sala de convenções de um hotel – o que imprime à cena simultaneamente reconhecimento e estranheza. Mas suas criações foram além de fazer teatro em lugares não concebidos para este fim, como o táxi em O Resto do Mundo.

Estou me referindo aos audio-walks, experiência que talvez tenha sido a que mais me impressionou. Há, aí, muitos aspectos referentes a esse “ir além”. Nesta saída do espaço fechado (teatral ou não) para o aberto, em contato estreito com a paisagem (é Arte na Paisagem, claro), transforma o espectador num vivenciador. O investimento político é visível – porque lida não só com as ideias, mas com a concretude do espaço urbano. Mas, como são “feras” no texto, seus audio-walks são verdadeiras peças poéticas que, ao colocar o ouvinte/vivenciador alternadamente nos planos da realidade e da ficção, possibilitam ver o invisível – e aí a poesia se torna ato político, ou a intenção política se torna em ato poético.

Coerência, integridade e humor são qualidades que iluminam o trabalho do Visões. Observo uma aposta no riso como acionador da inteligência crítica, como meio de adesão do espectador ao que a cena apresenta e sobre o que reflexiona. Com sua ideologia exposta, não se tem dúvida do pensamento criador coletivo que perpassa cada palavra, cada gesto, cada ação, cada projeto.

O projeto Orla os levou para a estrada, por onde transitaram com fluência e, tenho certeza, alegria. Dez anos depois, os coloca no espaço apenas aparentemente fechado, referente apenas ao lugar em que Monstros de Vidro vai ser apresentado. O texto, criado em ação pelos encenadores – outra marca do político no trabalho do Visões Úteis –, é estruturado em episódios que recusam os cânones aristotélicos.

Numa linguagem por vezes sugestiva, ou apenas alusiva, o espaço de atuação concedido aos artistas cênicos e aos espectadores é mais que aberto. Possui o arejamento compatível com sua visão de mundo, em que os afetos – sentimento e compromisso – têm lugar preponderante.

Nara Keiserman é investigadora e professora na Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Fez o pós-doutoramento na Universidade de Lisboa com “Aspectos Narrativos do Teatro Português Contemporâneo”.

Um espaço amplo, dividido informalmente em dois ambientes distintos.

Ao fundo fica o território d' A JARDINEIRA, que tem um aspecto misto de estufa e atelier – vêem-se cinco grandes vasos com plantas, uma mesa de trabalho, uma escada e uma estrutura onde estão suspensos cinco grandes vasos transparentes cheios de areia.

À frente, uma “terra de ninguém” de aspecto frio e impessoal, que será usada pelas restantes personagens. De um lado vê-se uma mesa muito comprida, com cinco bancos alinhados. Do outro, uma espécie de cabine com um microfone, um sistema de som e um grande ecrã que vai transmitindo informações, grafismos e animações.

MULHER 1 está sentada na cabine e lê calmamente um manual.

MULHER 1 (*lendo ao microfone*) – Em 2001 o recorde mundial da Maratona é de duas horas, cinco minutos e quarenta e dois segundos. A população mundial é de seis mil milhões de pessoas. Várias moedas europeias começam a sair de circulação. Nasce o Euro. Silvio Berlusconi é o Primeiro-Ministro de Itália. Em 2011 começa a discutir-se a possibilidade de acabar com o Euro. Em 1931 o industrial Henry Ford previa que em 2011 o sistema económico ia valorizar cada vez mais o ser humano. Entre 1980 e 11 de Setembro de 2001 o New York Times utilizou a palavra “Monstro” cerca de duzentas e dezanove vezes por ano. Entre 11 de Setembro de 2001 e o tempo presente o New York Times utilizou a palavra “Monstro” cerca de quatrocentas e dezanove vezes por ano. Em 2001 o governo português incluía um Ministério da Cultura na sua orgânica. Em 2011 o governo português não inclui um Ministério da Cultura na sua orgânica. Em 2002 o recorde mundial da Maratona é batido, passando para duas horas, cinco minutos e trinta e oito segundos. Em 2001 o Sistema Solar é composto pelos planetas Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno e Plutão. Em 1931 o físico e prémio Nobel

Robert Milikan previa que em 2011 a metodologia científica seria determinante para a resolução dos problemas sociais. Em 2001 17% da população mundial não tem acesso a água potável. Em 2011 12% da população mundial não tem acesso a água potável. Em 2003 o recorde mundial da Maratona é batido, passando para duas horas, quatro minutos e cinquenta e cinco segundos. Em 2011 o Sistema Solar é composto pelos planetas Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Neptuno. Entre 1980 e 11 de Setembro de 2001 o New York Times utilizou a palavra “Terror” cerca de trezentas e oitenta e duas vezes por ano. Entre 11 de Setembro de 2001 e o tempo presente o New York Times utilizou a palavra “Terror” cerca de mil quatrocentas e dezanove vezes por ano. Em 2007 o recorde mundial da Maratona é batido, passando para duas horas, quatro minutos e vinte e seis segundos. Em 1931 o físico e químico Michael Pupin previa que em 2011 estaria criada uma democracia económica que ia garantir ao trabalhador uma retribuição justa pela riqueza criada pelo seu trabalho. Em 2001 o recorde mundial de salto em altura pertence a Javier Sotomayor com dois metros e quarenta e cinco. Em 2011 o recorde mundial de salto em altura pertence a Javier Sotomayor com dois metros e quarenta e cinco. Sílvio Berlusconi demite-se do cargo de Primeiro-Ministro de Itália. Em 2008 o recorde mundial da Maratona é batido, passando para duas horas, três minutos e cinquenta e nove segundos. Entre 1980 e 11 de Setembro de 2001 o New York Times utilizou a palavra “Insurgência” cerca de noventa e seis vezes por ano. Entre 11 de Setembro de 2001 e o tempo presente o New York Times utilizou a palavra “Insurgência” cerca de quatrocentas e oitenta e uma vezes por ano. Em 2001, 42% da população mundial não tem acesso a saneamento. Em 2011, 38% da população mundial não tem acesso a saneamento. Em 1931 o físico e prémio Nobel Arthur Compton previa que em 2011 a China ia ser um dos principais protagonistas do planeta e que a integração política entre

estados seria uma prática comum. Em 2010 é descoberto um sistema solar com sete planetas a cento e vinte e sete anos-luz da Terra, o primeiro semelhante ao nosso próprio sistema solar. A descoberta foi feita por um grupo de cientistas europeus, dos quais dois eram portugueses. Em 1931 o sociólogo William F. Ogburn previa que em 2011 o desenvolvimento das comunicações e transportes ia transformar o mundo numa aldeia global onde a pobreza e a fome já não seriam motor de revoluções. Em 2011 a população mundial é de sete mil milhões de pessoas. O recorde mundial da Maratona é batido, passando para duas horas, três minutos e trinta e oito segundos.

HOMEM 1 entra em cena e dirige-se à cabine. MULHER 1 sai da cabine e HOMEM 1 ocupa o seu lugar.

HOMEM 1 (*lendo ao microfone*) – Zona Pública: Três metros de distância.

HOMEM 2 e A JARDINEIRA entram em cena. HOMEM 2, que traz um baralho de cartas, dirige-se à mesa comprida e senta-se a fazer um castelo de cartas. A JARDINEIRA dirige-se ao fundo e verifica os vasos com plantas.

HOMEM 1 (*lendo ao microfone*) – Quando caminhamos numa cidade, tentamos manter pelo menos uma distância de 3 metros entre nós e as outras pessoas. É este o espaço que deixamos entre nós e, por exemplo, a pessoa que está a caminhar à nossa frente. Quando os outros estão à distância de três metros são menos perigosos, não podem atacar-nos de surpresa. Se desconfiarmos que eles nos podem ameaçar, temos tempo de nos desviar, fugir ou preparar para a guerra. Muitas vezes não é possível manter este espaço – quando isto acontece, começamos a aperceber-nos dos outros que vão entrando nesta distância. Quanto mais perto eles estão, melhor nos apercebemos deles e nos preparamos para uma acção apropriada.

MULHER 1 deita-se na mesa ao lado do HOMEM 2, que continua a fazer o castelo de cartas.

MULHER 1 – Às vezes é complicado descrever uma coisa que é real. São muitos pormenores... cada vez são mais... Eu não consigo identificar o sítio no mapa, mas ele existe. É um sítio seco, onde a terra é escura, onde parece que é sempre Outono. Há poucas horas de luz e a luz não é intensa. Quando está calor há muito pó, eu sinto-o nas narinas. Mas quando anoitece há um frio que se instala. É um sítio onde há árvores muito grandes, que quase tapam o céu. As árvores são tão grandes que às vezes as raízes saem da terra. À noite parece que ganham vida e fazem barulhos assustadores. As folhas estão sempre secas. As montanhas formam um círculo e à volta desse círculo, a acompanhar as montanhas, estão as casas. Visto do espaço é um círculo perfeito. *(descreve o círculo com as mãos)* As pessoas das casas não gostam de entrar no círculo. É uma zona árida, onde o chão é castanho-escuro. Uma grande extensão, sem casas e sem árvores. Mas no centro do círculo existe uma pequena cabana. Lá dentro vive um casal muito velho com o filho único. Uma criança que nunca teve infância porque quando nasceu os pais já eram velhos e doentes. O rapaz tem o cabelo preto, a pele seca e escura, as unhas dos pés e das mãos muito grossas e cheias de terra, tem calos e cortes e feridas que sangram. Às vezes passa horas a cruzar o círculo de um lado para o outro, à procura de comida e água e das coisas que os pais precisam. Às vezes aproxima-se das casas em volta, mas ninguém se aproxima dele. As pessoas das casas não querem abandonar aquele lugar perfeito, mas o preço que têm de pagar é ter de viver perto daquele círculo. Porque aqui há histórias macabras. As crianças que se aventuram a brincar dentro do círculo desaparecem misteriosamente. São encontradas passado alguns dias a dormir no extremo do círculo oposto àquele em que desapareceram. Quando acordam estão calmas, sorridentes, e têm muita sede. Não se lembram do que

aconteceu nos dias em que estiveram desaparecidas, mas eu sinto que são crianças diferentes. Geralmente desaparecem três crianças de cada vez. Mas o que é estranho é que se traçarmos uma linha a ligar os pontos do círculo onde elas desaparecem aos pontos onde elas são encontradas, estas três linhas formam um padrão. E é sempre o mesmo padrão. E o que é ainda mais estranho é que este padrão é igual ao padrão da pegada de um animal que existe mas nunca ninguém viu. O padrão é do tamanho da minha mão (*mostra a mão*). As pegadas que aparecem são sempre duas, duas, uma (*exemplifica com a mão*). Eu tenho tentado perceber onde fica este sítio, mas não consigo. Preciso de ajuda. Ando a estudar os pormenores, a tentar identificar as árvores, os animais bizarros que podem deixar aquela pegada, tenho estudado imagens de satélite à procura de um lugar que forme naturalmente um círculo perfeito... tem de ser num país grande, muito grande... mas até agora nada. Acho que preciso de mais pormenores. Precisava de conseguir dormir mais tempo. Passar mais tempo a caminhar naquele lugar. Acho que isso me ajudava a perceber onde é. Talvez um comprimido que me fizesse dormir mais tempo, para conseguir encontrá-lo...

MULHER 2 entra em cena e dirige-se à cabine. HOMEM 1 sai da cabine e MULHER 2 ocupa o seu lugar. HOMEM 2 levanta-se, coloca dois bancos à frente da mesa e sai. HOMEM 1 senta-se num dos bancos. Ao fundo, A JARDINEIRA estende uma toalha sobre a sua mesa de trabalho. Começa a desenraizar as plantas dos vasos e a colocá-las na mesa, sobre a toalha.

MULHER 2 / MÃE DE HAMELIN (*ao microfone*) – As pessoas têm de perceber que nós... estávamos completamente desesperados! Havia ratos por todo o lado, ratos e mais ratos, durante dias, semanas, cada vez havia mais. Não podíamos sair à rua, tínhamos de proteger a comida, tapar as crianças quando dormiam para os ratos não lhes morderem as orelhas. Era horrível!

Chegámos a um ponto tal que acabámos por decidir abandonar a cidade. Íamos fugir.

MULHER 1 sai.

MULHER 2 / MÃE DE HAMELIN (*ao microfone*) – E de repente, aquele homem apareceu a dizer “eu tenho a solução” (*para si*) “Eu tenho a solução”... Ninguém quis saber como é que ele ia fazer, ninguém lhe perguntou nada. Eu vi pela janela, e foi extraordinário! O homem a andar muito devagar pela rua, a tocar uma melodia muito bonita na sua flauta... e aqueles ratos todos, que normalmente se mexiam muito, agora estavam todos a andar muito organizadinhos, em filas, atrás dele, atrás da musiquinha... O homem passou pelas muralhas da cidade e dirigiu-se para a ponte. Quando os bichos começam a atravessar a ponte, de repente, desatam a saltar para dentro de água, e a corrente a levá-los, a levá-los... Foi uma alegria muito grande! Estávamos salvos, estávamos livres! Nessa noite houve uma grande festa na cidade, toda a gente comeu e bebeu, e dançou e cantou! Mas no dia seguinte... Eles não lhe queriam pagar. Diziam que qualquer um podia ter feito aquilo. Tocar flauta. Diziam que ele não merecia aquele dinheiro todo. É verdade que era muito dinheiro. E é verdade que ele só tocou flauta. Mas também é verdade que ele foi o único a pensar nisso. A ideia não foi nada de especial mas foi ele quem a teve! Eu sinto-me culpada, claro que sim. Todos os pais e mães se sentem culpados. Mas o que é que podíamos fazer? Nós não ouvimos nada: quando o homem se pôs a tocar pela segunda vez, não se ouvia nada! Mas as crianças devem ter ouvido qualquer coisa, para terem ido atrás dele. Quando demos por isso, elas já tinham atravessado as muralhas da cidade, e já estavam a chegar à ponte. Eu lembro-me de tudo ao pormenor. As crianças todas a seguir aquele homem... a minha filha a sorrir como uma zombie, atrás dele. Corremos todos aos gritos atrás deles, eu berrava com toda

a força que tinha, mas quando estávamos a chegar à ponte caiu um nevoeiro muito denso, muito cerrado e... nunca mais os vimos. Este rapaz que agora voltou... eu fiquei contente por ele, salvou-se. Mas só consigo pensar: porquê ele? Porque é que não foi a minha filha? Não é justo...

MULHER 1 volta a entrar. Traz ao colo um crash-test dummy que tem o tamanho de uma criança e uma máscara de oxigénio pendurada ao pescoço. MULHER 1 coloca-o no banco ao lado do HOMEM 1 e sai.

MULHER 2 / MÃE DE HAMELIN (*ao microfone*) – Pagámos um preço demasiado alto. Agora resta-nos esperar. Acreditar. E preservar tudo tal como está. Não podemos abandonar a cidade. Não podemos mexer em nada. Tudo tem de ficar exactamente igual, sem mudar. Um dia as crianças vão voltar, e nesse dia... têm de ser capazes de reconhecer a sua casa. Se esse homem me estiver a ouvir, eu gostava de lhe dizer: Está bem, nós percebemos. Agora estamos prontos para negociar consigo.

MULHER 2 sai da cabine e vai sentar-se na mesa. Ao fundo, A JARDINEIRA vai colocando as plantas, uma a uma, nos vasos transparentes suspensos.

MULHER 2 – A pessoa de quem precisamos tem de ser capaz de desempenhar um conjunto de tarefas bastante heterogéneo. Procuramos alguém bastante flexível e que consiga adaptar-se rapidamente a novos contextos e condicionantes. O que gostaríamos de perceber é até que ponto você terá as capacidades necessárias, ou terá condições para as adquirir rapidamente.

HOMEM 1 – Com certeza. Com certeza. Eu sempre acreditei que uma pessoa tem de ser capaz de desenvolver muitas capacidades diferentes. Temos de estar preparados para tudo.

MULHER 2 – Ótimo. Antes de mais, pode dizer-me qual é a sua disponibilidade?

HOMEM 1 – Total.

MULHER 2 – Total?

HOMEM 1 – Manhã, tarde, noite... O que for preciso. Eu praticamente não durmo. Normalmente só preciso de uns minutos para fechar os olhos. Uns dez ou quinze minutos de REM e estou pronto para continuar.

MULHER 2 – Impressionante... E pensa que se sentiria confortável se lhe pedíssemos para falar numa língua estrangeira?

HOMEM 1 abana a cabeça afirmativamente com vigor.

MULHER 2 – Fala línguas, portanto? Inglês...?

HOMEM 1 – Inglês. Inglês. Perfeitamente. Geralmente quando falo as pessoas pensam que sou inglês.

MULHER 2 – Mais alguma língua?

HOMEM 1 – Várias. Sim. Sim. Francês, claro. Árabe...

MULHER 2 – Fala árabe?

HOMEM 1 – Falo. Não escrevo muito bem, mas falar falo. Depois há aquelas línguas que toda a gente sabe: espanhol, italiano... alemão...

MULHER 2 – Tantas!

HOMEM 1 – Um pouco de sueco... isto ao nível da Europa. Não sou completamente fluente em todas elas, claro, mas falo o essencial. *(pausa)* Um pouco de mandarim...

MULHER 2 – Extraordinário... E música?

HOMEM 1 – Gosto muito!

MULHER 2 – Sim, mas toca algum instrumento?

HOMEM 1 – Qual?

MULHER 2 – Algum?

HOMEM 1 – Claro, mas de qual está a falar?

MULHER 2 – Ah, toca mais do que um?

HOMEM 1 – Com certeza... Viola, guitarra, piano, berimbau...

MULHER 2 – Algum instrumento de sopro?

HOMEM 1 – Com certeza! Claro. Até prefiro. (*pausa*) Gaita-de-foles. Pífaro. Flauta. Transversal e de bisel, claro. O meu recorde de apneia é três minutos.

MULHER 2 – ãn... muito bem...

HOMEM 1 – Coreano.

MULHER 2 – Perdão?

HOMEM 1 – Também falo um pouco de coreano.

MULHER 2 – Ah, muito bem. E que tipo de papel pensa que poderia assumir?

HOMEM 1 – Todos. Qualquer um. Sim, sim. Sou muito polivalente.

MULHER 2 – Pensa que estaria à vontade, por exemplo, para desempenhar o papel de líder? Alguém que tem de incentivar e guiar os outros?

HOMEM 1 – Com certeza. Com certeza. É algo de inato em mim, as pessoas estão sempre a pedir-me conselhos.

MULHER 2 – Podemos fazer uma experiência?

HOMEM 1 – Se podemos fazer uma experiência? Com certeza!

MULHER 2 – Então fale comigo e tente convencer-me. Motive-me!

HOMEM 1 – Falo consigo... com certeza... (*levanta-se e assume um tom firme*) “Você...” (*interrompe*) Posso tratá-la por tu? Dava-me mais jeito.

MULHER 2 – Claro.

HOMEM 1 (*retomando o tom firme*) – “Tu, com o teu carisma, com as tuas capacidades, tu consegues dar a volta a isto! Não podes baixar os braços! Tu tens o que é preciso! Só precisas de acreditar em ti como eu acredito em ti! Percebes? Eu... agora vou dizer-te uma coisa muito séria e muito honesta: tudo o que eu mais desejo é que um dia a minha filha seja como tu.”

MULHER 2 (*impassível*) – Uau, muito bem. Já agora, e porque está relacionado, você monta?

HOMEM 1 (*voltando a sentar-se*) – Se monto? Obviamente. Claro que sim. Pelo menos uma vez por semana.

MULHER 2 – Imagine então a seguinte situação: Você é responsável pela segurança da sua comunidade...

HOMEM 1 – Já fiz isso, já fiz isso...

MULHER 2 – Imagine que está montado num cavalo, à beira de um penhasco, a vigiar o horizonte...

HOMEM 1 – Seria mesmo um penhasco a sério?

MULHER 2 – Sim, imagine um penhasco real.

HOMEM 1 – Muito bem...

MULHER 2 – Ao mínimo sinal de perigo, de ataque exterior, você teria de galopar imediatamente na direcção da sua comunidade e avisá-la, de todas as maneiras possíveis. Imagine que leva uma candeia numa mão, por exemplo...

HOMEM 1 (*simula que pega na candeia*) – Fácil...

MULHER 2 – Mas sempre a galopar...

HOMEM 1 (*começando a galopar na cadeira*) – Fácil... sem problema... as calças seriam muito justas?

MULHER 2 – Ân... não sei...

HOMEM 1 – Humm...

MULHER 2 – E vai ter de fazer muito barulho...

HOMEM 1 (*grita*) – HEY!

MULHER 2 – Não, não... isso não seria suficiente... imagine que tem de disparar uma arma.

HOMEM 1 – Um revólver?

MULHER 2 – Ou maior...

HOMEM 1 – Um mosquete?

MULHER 2 – Um mosquete não seria possível, porque só podia disparar uma vez...

HOMEM 1 – Posso recarregá-lo. Perfeitamente!

MULHER 2 – Enquanto cavalga e segura a candeia?

HOMEM 1 – Claro! É fácil! (*demonstra*) Só preciso de sentar-me em cima das rédeas e passar a controlar o cavalo só com as esporas. Com uma mão seguro a candeia. Com a outra retiro a arma que está previamente carregada e disparo – PÁÁ! Depois deixo-a cair e ela entra dentro do alforge. Entretanto tiro a pólvora que trago pendurada ao peito, com os dentes arranco a rolha do corno de pólvora, carrego a arma, fecho novamente o corno com a boca e guardo a pólvora. Tenho é de ter cuidado com o petróleo da candeia, para não entornar. Vou ao segundo alforge e tiro de lá a bala e a estopa que enfio na corneta. Tiro o pilão; o melhor será ficar do lado esquerdo porque o movimento é mais bonito. Amasso a pólvora, a estopa e a bala e volto a guardá-lo. Finalmente saco a arma, que voa no ar, agarro-a e disparo novamente – PÁÁÁ!

MULHER 2 – Muito bem... estou impressionada.

HOMEM 1 (*entre dentes*) – O único problema é se as calças forem muito justas...

MULHER 2 – Imagine agora que lhe calha um papel diferente. Não o de salvador, mas precisamente o de vilão. Acha que daria um bom monstro?

HOMEM 1 – Monstro? Monstro? Claro! Com certeza. Que tipo de monstro? Assim, do mundo do fantástico?

MULHER 2 – Não necessariamente. Podia até ser um monstro mais da esfera do quotidiano, uma pessoa que...

O HOMEM 1 levanta-se subitamente, agarra o dummy com um braço em volta do pescoço e com a outra mão simula que lhe aponta uma pistola à cabeça.

HOMEM 1 (*grita*) – EU MATO O GAJO! EU MATO O GAJO! QUERO UM AVIÃO AQUI JÁ! PENSAM QUE EU ESTOU A BRINCAR? EU MATO O GAJO! (*senta-se e volta a pôr o dummy no seu banco*) Assim?

HOMEM 2 entra em cena. Dirige-se à cabine e senta-se.

MULHER 2 – Hmm... muito bem... foi mesmo assustador... Imagine agora que está dentro desse avião, mas já não é um monstro.

HOMEM 1 – É para pilotar? Eu posso fazer isso.

MULHER 2 – Não, não, agora você é apenas um passageiro. Na verdade o avião está a cair a pique e você é uma potencial vítima...

HOMEM 1 – Sim, sim, sim, sim... já passei por isso, já passei por isso...

MULHER 2 – Seria capaz de assumir rapidamente a posição de impacto?

HOMEM 1 – Claro. (*simula a posição de impacto*)

MULHER 2 – Muito bem. Agora preste atenção: Endireitou o assento antes de assumir a posição de impacto?

HOMEM 1 – Com certeza!

MULHER 2 – Está a sentir as costas do assento contra os seus rins?

HOMEM 1 – Sinto. Perfeitamente!

MULHER 2 – Recolheu o tabuleiro?

HOMEM 1 – O tabuleiro está recolhido!

MULHER 2 – Está a sentir a queda?

HOMEM 1 – Estou. Estou muito assustado. Espero que o piloto consiga controlar o aparelho!

MULHER 2 – A que velocidade está a cair?

HOMEM 1 – A cinquenta metros por segundo. A qualquer momento vamos começar a rodopiar!

MULHER 2 – Está a sentir a despressurização?

HOMEM 1 – Estou a sentir! Tenho os ouvidos a estalar!

MULHER 2 – Em virtude da despressurização as máscaras de oxigénio vão agora soltar-se.

HOMEM 1 olha para cima e finge ver a máscara.

MULHER 2 – Agora preste atenção: ao seu lado está a viajar uma criança. Ela está sozinha. Você vai ter de ajudá-la a colocar a máscara.

HOMEM 1 (*olhando para o dummy*) – Muito bem. Primeiro vou colocar a minha máscara (*simula*) e só depois ajudo a criança a colocar a dela (*coloca a máscara no dummy*).

MULHER 2 – A criança está muito assustada. Tente acalmá-la.

HOMEM 1 (*falando para o dummy*) – Tem calma, não tenhas medo! Está tudo bem. Estás a viajar sozinho?

MULHER 2 – ... a criança é americana...

HOMEM 1 (*com sotaque americano*) – Oh! (*hesita um pouco*) *It's alright. It's alright. Don't be afraid! It's gonna be alright. Are you alone? Don't worry, I will help you. Everything is going to be ok. The pilot is very good. Soon you will see your parents again. Do you want to sing a song? Do you want to pray? Let's pray together. (vira o dummy de cabeça para baixo e depois baixa a sua própria cabeça)*

MULHER 2 deita abaixo o castelo de cartas que está sobre a mesa e sai.

HOMEM 1 – “Our father who are in heaven... Help us! Oh Lord... Don’t let us crash on this glorious day... we will be very good... we promise!”

Ao fundo, A JARDINEIRA estende um pano no chão e começa a despejar nele a terra dos vasos.

HOMEM 2 / PRESIDENTE DA CÂMARA DE HAMELIN (ao microfone) – Estamos numa situação de impasse. A cidade vive uma espécie de letargia, não avança... os negócios correm, mas devagar... Temos de ser capazes de dar a volta a esta situação! Não digo esquecer, mas de certa forma enterrar o passado, para podermos começar a preparar o futuro.

HOMEM 1 coloca o banco com o dummy junto à mesa e sai.

HOMEM 2 / PRESIDENTE DA CÂMARA DE HAMELIN (ao microfone) – Eu sei que muitas pessoas me responsabilizam directamente, mas é injusto! Enquanto Presidente da Câmara fui apenas porta-voz de uma decisão democrática, que tem de ser assumida por todos! Mas compreendo o sentimento dos cidadãos; por isso é que suspendi o meu mandato. Neste momento estou completamente afastado da vida política, temporariamente. No entanto, já ofereci a minha total colaboração às autoridades que estão a proceder às investigações. É importante, antes de mais, tentar perceber o que aconteceu a este jovem que conseguiu escapar. Dizem que ele foi atacado por uma infecção que lhe permitiu deixar de ouvir aquela música. Se esta infecção for de origem viral e não bacteriológica pode ter gerado uma micro-pandemia, o que significa que ainda há esperança para as outras crianças. Claro que neste momento nem em sequer sabemos se ainda estão vivas... Como devem compreender, nós nunca acreditámos que fosse mesmo possível ele levar as crianças. Era absurdo! O homem só tinha uma flauta, o que é que ele podia

fazer? Quando ele nos disse “Ou me pagam ou eu levo as crianças!” nós desatámos a rir. “Leva as crianças, como? As crianças estão na escola, estão a cargo do sistema educativo. Como é que as vai levar?”

MULHER 1 entra, pega no dummy ao colo e sai com ele. Ao fundo, A JARDINEIRA varre a terra no pano, de modo a formar um monte.

HOMEM 2 / PRESIDENTE DA CÂMARA DE HAMELIN *(ao microfone)* – Nós nunca dissemos que não lhe íamos pagar; só dissemos que não lhe pagávamos aquilo tudo. Para nós aquele encontro era o início de um processo comercial. Mas ele desatou aos berros, a andar de um lado para o outro, com uns olhos de animal furioso, com os cabelos todos levantados no ar, parecia um bicho! E só dizia: “Eu não negoceio!”. Ora, de acordo com a minha experiência política, quando uma pessoa diz que não negoceia já está a negociar. Mas não: o indivíduo tomou uma posição intransigente, que se revelou intransponível e se tornou inconsequente. Nós não nos podíamos deixar enganar! É verdade que ele nos livrou dos ratos mas, por favor! O homem limitou-se a tocar flauta! Qualquer um fazia aquilo! Então vem um indivíduo sabe-se lá de onde, aparece aqui, toca uma música e leva-nos aquele dinheiro todo? A minha função, enquanto Presidente, é proteger o erário público. Nós só aceitámos a proposta daquele homem porque estávamos desesperados e aquilo era a única coisa que não tínhamos tentado. Nós abrimos um concurso público, afixámos editais nos sítios do costume... mas toda a gente que nos aparecia propunha coisas que nós já tínhamos tentado. Afogar os ratos, queimar os ratos, gasear os ratos, envenenar os ratos, disparar sobre os ratos... Tínhamos feito tudo! Mas música? Música? *(Pausa)* Quem é que se ia lembrar de uma coisa daquelas? Se este homem me estiver a ouvir eu queria dizer-lhe que não é assim que se resolvem as coisas! Nós não negociamos com chantagistas! Tenha respeito pelas pessoas!

MULHER 2 entra e dirige-se à cabine. HOMEM 2 sai da cabine e MULHER 2 ocupa o seu lugar. HOMEM 1 e MULHER 1 entram, trazendo cada um uma prancha de desenho com folhas e uma caneta. Sentam-se lado a lado.

MULHER 2 (lendo ao microfone) – Zona Social: entre um metro e meio e três metros de distância. Dentro da zona social começamos a sentir uma ligação com os outros. Quando as pessoas estão mais perto é mais fácil comunicar com elas. Podemos falar-lhes sem ter de gritar, mantendo ainda assim uma distância de segurança. Esta é uma distância confortável para pessoas que estão de pé integradas num mesmo grupo mas que talvez não estejam a falar uma com a outra.

Ao fundo, A JARDINEIRA começa a moldar forminhas de terra na sua mesa de trabalho. HOMEM 2 aproxima-se do HOMEM 1 e MULHER 1. HOMEM 1 mostra-lhe um desenho com o título “Perdidos no Mar da China”. HOMEM 2 hesita.

HOMEM 2 – Pode ser.

MULHER 1 mostra-lhe um desenho com o título “Aventura no Mar da China”.

HOMEM 2 – Pois, também pode ser.

HOMEM 1 e MULHER 1 guardam as folhas e começam a fazer um novo desenho.

HOMEM 2 – A casa da minha avó ficava muito longe. A estrada era difícil e eu enjoava sempre pelo caminho. Não havia brinquedos nem ninguém com quem brincar. Eu estava naquela idade em que já não era pequenino mas ainda não era grande. E os pequeninos eram demasiado pequenos para brincar comigo. A casa tinha um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete quartos.

(MULHER 1 mostra-lhe o desenho de uma casa) Não, era maior... E havia também um sítio esquisito chamado “cozinha”. *(HOMEM 1 mostra-lhe o desenho de uma cozinha)* Não, tinha um chão de azulejo mas depois não tinha mais nada de cozinha. Estava cheio de coisas velhas: roupas, bonecos, papeladas, coisas que iam ficando, máquinas de fazer queijo, livros dos “Cinco” antigos, daqueles ainda mais antigos do que os que agora são antigos, de alguns já só havia uma metade... Havia balas, numa gaveta, ainda boas para disparar e eu brincava com elas como se fossem foguetões *(faz o barulho de um foguetão)*. Mas o melhor que lá havia eram os livros de banda desenhada.

HOMEM 1 mostra-lhe o desenho do Mickey e MULHER 1 mostra-lhe o desenho do Tintin

HOMEM 2 – Não, não era desses, havia muitos era de cowboys, daqueles em que o herói se apaixona por uma índia, mas depois os outros índios não gostam disso e o cowboy tem que os matar para poder ficar com ela... E as índias tinham sempre uns vestidos justinhos, com umas saias às tirinhas, e umas pernas, assim, muito bonitas! *(HOMEM 1 mostra-lhe o desenho de uma índia)* Exactamente, umas pernas fininhas, e uma anca muito... *(demonstra a curva com as mãos)*. E os nomes delas eram muito estranhos: “Raio de sol”, “Manhã dourada”, “Luz prateada”. E os cowboys eram gajos duros, solitários, que andavam de um lado para o outro no Texas, enquanto se apaixonavam pelas índias. *(HOMEM 1 mostra-lhe o desenho da índia, agora com um cowboy ao lado)*. Isso, isso! Mas havia outro tipo de livros. *(MULHER 1 mostra-lhe um desenho pornográfico)* Não, não! Livros realistas, de terror, com mortes horríveis e acidentes e corpos despedaçados! Mas tudo aos quadrinhos e a preto e branco, só a capa é que era a cores. E eu lembro-me que uma destas aventuras se passava na China, durante as guerras do ópio. E a

rapariga – a namorada do herói – era raptada por um chinês muito mau, com duas trancinhas, que tinha uns ajudantes magricelas que lhe faziam os trabalhos sujos. (*MULHER 1 mostra-lhe o desenho de um chinês magrinho*) Não, não, ele era mais... (*HOMEM 1 mostra-lhe o desenho de um chinês gordo*) Isso! Assim, mesmo gordo! Ela, a rapariga, era muito bonita, tinha um vestido preto muito justo e umas maminhas pequeninas mas muito direitinhas: o vestido tinha 5 botões – era como se fosse uma camisa – mas ela só tinha apertado os 3 botões de baixo e por isso ficava com um decote que deixava ver o espaço no meio das maminhas. (*MULHER 1 mostra-lhe o desenho de uma rapariga com um peito muito grande*) Não, que exagero! Eram mais... (*HOMEM 1 mostra-lhe o desenho de uma rapariga com um peito pequeno e espetado*). Exactamente! E o chefe dos chineses tinha raptado a rapariga porque queria obrigar o herói a fazer qualquer coisa, essa parte não me lembro bem... Mas o herói vem e mata os chineses! (*MULHER 1 mostra-lhe o desenho de um chinês esventrado*) Sim, isso, mas falta... (*HOMEM 1 mostra-lhe o mesmo desenho mas com muito sangue à volta do chinês esventrado*). Pois, é isso! Mas, antes de o herói chegar, nós já tínhamos visto que a rapariga estava presa e que o chinês, para a torturar, tinha posto uma gaiola com um rato em cima da barriga dela e com uma vela na gaiola! (*MULHER 1 mostra-lhe o desenho de um rato pequeno dentro de uma gaiola*) Não, esse é muito fofinho! O rato era grande, era uma ratazana! E percebemos logo que o rato vai querer fugir do calor e para isso vai ter que morder a rapariga. (*HOMEM 1 mostra-lhe o desenho de uma ratazana*) Mas essa parte nós já não vemos porque estamos a ver a parte das lutas – e eu estava horrorizado, mas não conseguia parar de ler. Queria saber como acabava. Todas as histórias que eu tinha lido acabavam bem... E então vemos o herói a chegar à beira dela, e ela parece morta e já não se vê o rato. E então há um quadrado em que ela se mexe e deita um bocadinho de sangue pela boca. “*She is alive!*”: “Está viva!”,

é ele a dizer. Mas o mais horrível era o que estava no quadradinho a seguir, ela a abrir a boca como se fosse falar e o rato a sair da boca dela. (*MULHER 1 mostra desenho da cara da rapariga com um rato a sair da boca*). E no quadrado seguinte vemos só a cara do herói, transfigurado, completamente louco (*HOMEM 1 mostra desenho da cara do herói horrorizado*). E depois ele diz... não, pensa, porque tem aquelas bolinhas: “A minha Helen” – ela chamava-se Helen – “A minha Helen é um esgoto!”. E no último quadrado ele vai numa ambulância a rir e a repetir “A minha Helen é um esgoto, a minha Helen é um esgoto!”... O amor da vida dele... É horrível!

HOMEM 1 e MULHER 1 colocam os desenhos em frente às suas caras e olham um para o outro.

HOMEM 2 – Pousei o livro ao pé das balas e nunca mais lhe toquei. Se calhar devia tê-lo queimado para os mais pequeninos não o poderem encontrar. Agora já é tarde demais. Já estão todos crescidos.

HOMEM 1 e MULHER 1 guardam os desenhos e arrumam as pranchas.

MULHER 2 (*lendo ao microfone*) – Em 2006 foi inventado um novo toque de telemóvel inaudível para maiores de vinte e nove anos. O toque produz um ultra-som semelhante a um apito muito agudo, uma frequência que o ouvido adulto já não é capaz de escutar, devido à perda gradual de audição que acontece à medida que envelhecemos.

A JARDINEIRA dirige-se à estrutura e começa a destapar, um a um, o fundo dos cinco vasos suspensos. A areia que os enche começa a cair lentamente no chão. MULHER 1, HOMEM 1 e HOMEM 2 preparam-se para um exercício auditivo: terão que executar um movimento sempre que ouçam um som.

O primeiro som é uma frequência de 30 khz, som utilizado como repelente ultra-sónico para ratos, inaudível para humanos. Ninguém se mexe.

O segundo som é uma frequência de 22 khz, apenas audível por menores de dezoito anos. Ninguém se mexe.

O terceiro som é uma frequência de 18 khz, apenas audível por menores de vinte e quatro anos. Ninguém se mexe.

O quarto som é uma frequência de 16 khz, apenas audível por menores de trinta anos. MULHER 1 hesita mas finalmente executa o movimento; os outros não se mexem.

O quinto som é uma frequência de 15 khz, apenas audível por menores de quarenta anos. MULHER 1 executa imediatamente o movimento; HOMEM 1 hesita mas não chega a executar o movimento; HOMEM 2 não se mexe.

O sexto som é uma frequência de 14 khz, apenas audível por menores de quarenta e cinco anos. MULHER 1 e HOMEM 1 executam imediatamente o movimento; HOMEM 2 não se mexe.

O sétimo som é uma frequência de 12 khz, apenas audível por menores de cinquenta anos. Os três executam o movimento, mas agora a MULHER 1 manifesta algum incômodo auditivo.

O oitavo som é uma frequência de 10 khz, apenas audível por menores de sessenta anos. Os três executam o movimento, mas agora a MULHER 1 manifesta muito incômodo auditivo e o HOMEM 1 manifesta algum.

O nono som é uma frequência de 8 khz, audível por todas as faixas etárias. Os três executam o movimento, mas agora a MULHER 1 manifesta grande aflição auditiva, o HOMEM 1 muito incômodo e o HOMEM 2 começa a parecer incomodado. A JARDINEIRA tapa os ouvidos, incomodada.

HOMEM 1 e MULHER 1 dirigem-se à mesa e sentam-se. HOMEM 2 dirige-se à cabine. MULHER 2 sai da cabine e HOMEM 2 ocupa o seu lugar. MULHER 2 dirige-se à mesa e senta-se perto dos outros.

HOMEM 2 (*lendo ao microfone*) – Zona Pessoal: entre meio metro e um metro e meio de distância. Na zona pessoal a conversa torna-se mais directa; é uma boa distância para duas pessoas conversarem empenhadamente sobre alguma coisa. O contrário também pode acontecer; podemos ameaçar deliberadamente o outro invadindo a sua zona de conforto.

HOMEM 2 sai. Ao fundo, A JARDINEIRA volta a fazer formas de terra na sua mesa.

MULHER 2 – México!

HOMEM 1 e MULHER 1 (*em coro*) – México!

MULHER 2 – México! Um gajo, aqui do Porto, foi passar férias ao México. E este gajo era fanático por cactos e então comprou um cacto de uma espécie rara que havia lá. Assim mais ou menos com um metro... Custou-lhe quinhentos dólares. Quando chegou ali à alfândega, em Pedras Rubras, disseram-lhe que o cacto tinha que ficar três meses em quarentena. E isso, o depósito durante a quarentena, custou-lhe seiscentos euros mais ou menos.

MULHER 1 – Seiscentos euros!

MULHER 2 – Finalmente o gajo recebe o cacto em casa – que entretanto já tinha crescido mais um bocado – e planta-o no jardim e o cacto continua a crescer e já a passar os dois metros. Então um dia, ao fim da tarde, na Primavera, ele estava a regar o jardim e foi dar uma *spraiadela* ao cacto. E quando faz isto fica de boca aberta a ver o cacto tremer. *Spraiia* outra vez e o cacto volta a abanar-se todo, com os braços todos a mexer. O gajo acha aquilo

estranho e liga para a Câmara e pede para falar com os tipos dos jardins da cidade.

HOMEM 1 (*para a MULHER 1*) – São do Pelouro do Ambiente.

MULHER 2 – Começaram a passar-lhe a chamada, de uns para os outros, mas depois lá conseguiu falar com um fulano que percebia de cactos e que lhe faz uma data de perguntas: que altura tem, que altura tinha quando o comprou, como é que tem crescido, se já deu flores, como é que são os espinhos. E no fim faz uma pergunta do caraças: A sua família está em casa?

MULHER 1 – A família!

MULHER 2 – O gajo diz que sim e o outro diz-lhe: “Tire-os de casa já! Passem para o passeio do outro lado da rua e esperem por mim, daqui a quinze minutos estou aí.”. E passado um bocado chegam dois carros de bombeiros, dois carros da polícia e uma ambulância, e param em frente à casa. Sai um bombeiro, pergunta-lhe se é o dono do cacto, ele diz que sim e o bombeiro chama outro bombeiro que sai do carro todo artilhado, tipo astronauta, com uma máscara e uma botija de oxigénio, e uma cena esquisita, tipo, com um tubo. Os bombeiros dizem-lhe “Fique aqui!” e mandam-se para dentro da casa.

HOMEM 1 – Que cena!

MULHER 2 – O gajo passa-se, “O que é isto?”, e vai atrás deles até ao jardim e vê o gajo com fato de astronauta a queimar o cacto com aquela cena esquisita que era um lança-chamas. E aquela cena a queimar, a queimar, para baixo, para cima e a pegar fogo a tudo que estava à volta, o jardim, as vedações, as árvores dos vizinhos, tudo a levar por tabela. E o gajo passado, o que é isto e são para aí dez minutos naquilo, sempre a queimar, são oito toneladas de cacto ali a arder...

HOMEM 1 (*surpreendido*) – Oh! Oito toneladas?

MULHER 1 (*surpreendida*) – Oito toneladas?

MULHER 2 – Sim, oito toneladas, qual é o problema?

MULHER 1 - Isso é impossível!

HOMEM 1 – É peso a mais!

MULHER 2 – Peso a mais como? Estamos a falar de um cacto com mais de dois metros.

HOMEM 1 – Mesmo assim. Oito toneladas é o peso de um avião, por exemplo (*apresenta um conjunto de fotografias e mostra-lhe a primeira, onde se vê um avião*) um *Beechcraft 1900*, daqueles utilizados pela Portugália nas ligações para Espanha.

MULHER 1 – Se calhar eram oitocentos quilos?

MULHER 2 – Oitocentos quilos?

HOMEM 1 – Mesmo assim não sei...

MULHER 1 – Oitocentos quilos é o peso de um cavalo, daqueles de tracção pesada, como há na Bretanha (*tira da pilha de fotos uma que mostra um cavalo*).

HOMEM 1 – Mas, espera lá, quando ele trouxe o cacto, ele era mais pequeno.

MULHER 2 – Pois...

HOMEM 1 – Trouxe-o para aí, não sei, com oito quilos? Isso é mais ou menos o peso de uma criança com doze meses, um bebé... (*mostra uma foto de uma criança pequena*)

MULHER 2 – Oito quilos? Isso nunca, então o cacto quando veio já era quase do tamanho de uma pessoa, devia ter pelo menos uns oitenta quilos.

HOMEM 1 – Oitenta quilos quando veio? Tu não sabes o que dizes. Oitenta quilos é o peso de um adulto, um gajo que esteja em forma. (*mostra uma fotografia de Anders Breivik fardado*)

MULHER 1 – Pois, e o cacto também já foi bebé. Quanto é que o cacto pesava quando era bebé?

MULHER 2 (*confusa*) – Sei lá!

HOMEM 1 – Devia ter pouquíssimo peso; para aí oitocentas gramas, o peso de um rato, por exemplo um *rattus norvegicus*, uma ratazana gorda. (*mostra uma fotografia de um rato*)

MULHER 2 – Esses valores são um disparate. São um disparate! Eu estou a falar de um cacto exótico que tinha mais de dois metros. Não brinquem comigo. Nunca menos de oitocentos quilos.

MULHER 1 – Isso é um exagero! Oitenta quilos já é muita coisa. Não te dou mais de oito quilos e já é um grande cacto.

MULHER 2 – Vamos ser lógicos: o cacto já era grande quando ele o comprou. Esteve três meses na alfândega a crescer, e depois ainda cresceu mais em casa dele. E um cacto não é só extensão em altura. Também tem a extensão dos braços. Tudo somado são muitos metros de cacto! Ele podia ter oitenta quilos no início e ter crescido até aos oitocentos.

MULHER 1 – Não!

HOMEM 1 – Isso é uma taxa de crescimento impossível.

MULHER 1 – Damos-te os oitentas quilos mas é como peso final.

MULHER 2 – Oitenta quilos só?

HOMEM 1 – Tu cedes em dois valores. (*mostra as fotos do avião e do cavalo*)

MULHER 1 – Mas nós também cedemos em dois. (*mostra as fotos do rato e da criança*)

MULHER 2 observa as cartas e hesita.

MULHER 1 – Então?

HOMEM 1 – Pode ser?

Silêncio.

MULHER 2 (*retomando o tom entusiasmado*) – E aquilo sempre a queimar, são... (*hesita*) oitenta quilos de cacto ali a arder. No fim o gajo já não tem jardim. E o especialista dos cactos vem ter com ele, e ele a gritar “O que é que se passa? O que é que se passa?” e o outro diz “Eu explico-lhe, venha ver!”. E vai até ao cacto, arranca um bocado e o cacto estava completamente oco e cheio de tarântulas assim deste tamanho (*mostra um palmo*). Percebem? Estas aranhas põem ovos neste tipo de cactos, e os ovos ficam a chocar lá dentro, e depois as aranhas bebés ficam a moral ali dentro e a comer a carne do cacto e a beber a água do cacto – como se fosse um casulo – até serem grandes para sair. E quando isso acontece – quando já estão muito apertadas e sem comida – o cacto explode e projecta para aí cento e cinquenta aranhas deste tamanho (*mostra novamente um palmo*) em todas as direcções. Percebem? O cacto do gajo estava prestes a explodir!

Os outros têm um ar impressionado.

MULHER 1 – Pôrra!

HOMEM 1 – E isso aconteceu a quem?

Silêncio.

MULHER 2 – A uma pessoa daqui... E depois ainda foi preciso desinfectar aquilo tudo e pôr as casas todas de quarentena com aquelas fitas amarelas da polícia.

MULHER 1 – E tu conheces o tipo do cacto?

MULHER 2 – O tipo do cacto... sim. Quero dizer, pessoalmente não... Mas acho que tem uma loja na baixa. E só passadas duas semanas é que as pessoas puderam voltar.

HOMEM 1 (*para a MULHER 1*) – Tu nunca sabes o que pode estar dentro dum cacto!

MULHER 2 – Pois!

MULHER 1 (*para o HOMEM 1*) – Podia ter contaminado o país todo!

MULHER 2 – Pois...

MULHER 2 sai. MULHER 1 dirige-se à cabine e senta-se. HOMEM 1 sai.

MULHER 1 / DONA DO CAFÉ DE HAMELIN (*ao microfone*) – Isto foi tudo muito mau... Uma cidade tão bonita, alegre, sempre cheia de turistas... e agora... (*Pausa. Como se alguém lhe tivesse feito um sinal para falar*) É para falar do homem, não é? Encantador! Quero dizer, eu só o vi uma vez mas impressionou-me muito! Ele foi ao meu café no dia em que chegou à cidade. O café estava vazio, quero dizer, há muitos dias que não havia clientes, por causa... dos ratos. E quando aquele homem entrou chamou-me logo a atenção. Parecia que trazia uma nuvem de fumo atrás dele. Era um homem assim... alto, de olhos rasgados, uma cara fina, uns cabelos sedosos, parecia

que havia uma brisa a levantar-lhe os cabelos... Mas o que me deixou mais... eu posso dizer “excitada”? O que me deixou excitada foi que ele mal olhou para mim. Quero dizer, os homens costumam reparar em mim, mas ele não me ligou nenhuma. Só olhava para uma malinha preta que trazia e que pousou em cima da mesa. Preparei-lhe um chá com uma pedra de gelo. Nunca tinha visto um homem tão interessante! Fiquei a imaginar de onde é que ele tinha vindo e para onde é que ele ia a seguir... Passado algum tempo, ele levantou-se muito depressa e pegou na malinha. Eu até pensei que ele se ia embora sem pagar. Mas foi então que o vi a esticar a mão devagarinho e a deixar cair umas moedas na mesa. E disse “É tudo o que tenho.” Fiquei toda arrepiada! E é que era dinheiro mais que suficiente para pagar o chá! (*suspira*) Nunca mais o vi... Depois, nessa noite, foi a grande festa... toda a gente saiu à rua para comemorar. Eu fiquei no café à espera. Já sabia que os homens vinham para o café beber quando as mulheres e as crianças se fossem deitar, é o costume... Já estava quase a dormir quando eles apareceram. O Presidente da Câmara e os outros. Vinham muito animados, dançavam e berravam... a certa altura o Presidente até subiu para cima de uma mesa. E foi então que ele começou a dizer que (*pausa dramática*) não iam pagar ao homem. Fiquei escandalizada! Não se pagava ao homem? Mas ele tinha feito o trabalho! Mas eles diziam que não, e que não, e que era só o que faltava, que ele só tinha tocado uma flauta, que aquilo qualquer um fazia... Era uma barulheira tal, que a certa altura tive de dar um berro: ALTO LÁ! (*pausa*) Respeito! (*pausa. Mais baixinho*) Um bocadinho mais de respeito... Quero dizer, eu sei que o que o homem fez depois, levar as crianças, não está correcto. Eu não sou mãe mas também senti. Mas este homem foi traído! O que ele fez foi horrível, mas o que nós fizemos não foi correcto. Ele quis dar-nos uma lição: ele quis ensinar-nos que as pessoas têm de ter cuidado com os cargos que ocupam. Não é a dançar em cima de uma mesa que se decidem certas coisas! E ninguém o

conhece, portanto ninguém o pode julgar. Se calhar até lhe custou muito fazer isto. Se calhar ele até está a tratar bem das crianças. Este rapaz que apareceu agora, por exemplo, estava bem. Se ele me estiver a ouvir, eu gostava só de dizer: Volte. Volte. As pessoas querem pagar-lhe. Eu quero pagar-lhe.

HOMEM 2 entra e dirige-se à cabine. MULHER 1 sai e HOMEM 2 ocupa o seu lugar. HOMEM 1 e MULHER 2 entram. MULHER 2 senta-se num banco à frente da mesa. Ao fundo, A JARDINEIRA começa a colocar figurinhas de papel nas formas de terra.

HOMEM 2 (*lendo ao microfone*) – Zona Íntima: menos de meio metro de distância. Quando a pessoa está à distância de um braço ou menos, podemos ter intimidade com ela. Também podemos observar com maior detalhe a sua linguagem corporal e olhar para os seus olhos. Todos os tipos de romance podem acontecer neste espaço. Entrar na zona íntima de alguém também pode ser muito ameaçador. Às vezes isto é feito de modo intencional para dar ao outro um sinal de que somos suficientemente poderosos para invadir o seu território se nos apetecer.

HOMEM 2 abandona a cabine e sai.

HOMEM 1 – Estás relaxada?

MULHER 2 – Estou relaxada.

HOMEM 1 – Não devias! Se relaxas deitas tudo a perder. Concentra-te!

MULHER 2 – Estou concentrada!

HOMEM 1 – Vamos rever o plano.

MULHER 2 – Vamos rever o plano.

HOMEM 1 – O que é que fazes hoje à noite?

MULHER 2 – Faço a mala.

HOMEM 1 – Foda-se, a mala? Qual mala?

MULHER 2 – Um *trolley*, com dimensões de cabine...

HOMEM 1 – Não, caralho, um *trolley* não! Se levas um *trolley* e calha de haver excesso de bagagem a mala acaba no porão. Uma mochila, foda-se! Levas uma mochila.

MULHER 2 – Levo uma mochila.

HOMEM 1 – E porque é que levas uma mochila?

MULHER 2 fica confusa.

HOMEM 1 – Foda-se, porque és uma turista ocasional, levas uma mochila porque és turista ocasional. E o que é que levas na mochila?

MULHER 2 – Cuecas, meias, t-shirt, um top, pijama, garrafa de água/

HOMEM 1 – Não podes levar água para a cabine, caralho.

MULHER 2 – Máquina fotográfica, maço de tabaco, tudo coisas normais, para me poderem revistar.

HOMEM 1 – E amanhã de manhã?

MULHER 2 – Vou para o aeroporto.

HOMEM 1 – Como é que vais para o aeroporto?

MULHER 2 – De metro?

HOMEM 1 – Foda-se, que isto começa bem... Vais no voo das seis. Tens que apanhar um táxi.

MULHER 2 – Chamo um táxi.

HOMEM 1 – Vais para o aeroporto. Apanhas o avião. Sais em Frankfurt. O que é que fazes?

MULHER 2 – Vou para a zona de fumadores junto ao *Starbuck's* e fumo um cigarro.

HOMEM 1 – Se meterem conversa contigo o que é que dizes?

MULHER 2 (*a medo*) – Que não sou de lá?

HOMEM 1 – Porque é que não és de lá?

MULHER 2 está novamente confusa.

HOMEM 1 – Porque és turista, caralho! Quem é o teu contacto?

MULHER 2 – O Thomas é o meu contacto.

HOMEM 1 – E o que é que o Thomas te dá?

MULHER 2 – Dinheiro. Francos Suíços.

HOMEM 1 – E depois?

MULHER 2 – Apanho a ligação para Amesterdão e lá meto-me num táxi para a rua Herengracht, número... número...

HOMEM 1 – Foda-se, isto assim não vai dar! Número quarenta e cinco!

MULHER 2 – Posso apontar?

HOMEM 1 – Não, não podes apontar nada, foi com apontamentos que se tramou o Gustavson, caralho. E depois?

MULHER 2 – O Boris dá-me os diamantes.

HOMEM 1 (*estende-lhe um colete*) – Eu sou o Boris: “*Vasmi. Adyen état jilyét nó zakróy kharachó vcye zastyôjki*”. (*desconfiado*) O que é que te estou a dizer?

MULHER 2 *olha para ele, confusa.*

HOMEM 1 – Caralho, estou a dizer para vestires o colete – cofre e fechores os velcros. Onde é que pões os diamantes?

MULHER 2 – Nos bolsos de cima.

HOMEM 1 – Foda-se, nos de baixo! Os diamantes sempre nos bolsos de baixo, à direita os de maior quilate e à esquerda os de menor. E nos bolsos de cima?

MULHER 2 – O dinheiro que ainda tenho para despesas.

HOMEM 1 – E depois, para onde vais?

MULHER 2 – Depois... escolho um destino.

HOMEM 1 – Escolhes um destino. Foda-se, achas? É a Leni quem te dá um destino! Onde é que te encontras com ela?

MULHER 2 – No aeroporto, na casa de banho das senhoras.

HOMEM 1 (*irónico*) – Genial! No aeroporto, na casa de banho das senhoras. (*grita*) Como se só houvesse uma! Foda-se, na casa de banho das senhoras junto à loja da Rolex. E onde é que guardas o bilhete que ela te dá?

MULHER 2 – No colete.

HOMEM 1 – Foda-se, isso é que é deitar tudo a perder! No colete? “Ah, não sei do bilhete... Ah, deixem-me ver onde é que está... Ah, desculpem, está

aqui no colete-cofre, no bolso que fecha com velcro e onde eu levo a mercadoria...”. Foda-se! Foi isso que tramou o Gregory!

MULHER 2 – OK.

HOMEM 1 – Agora muito cuidado: se te revistarem não há problema; no detector de metais também não. Com o colete – cofre os diamantes ficam completamente invisíveis, indetectáveis, percebes?

MULHER 2 – Percebo.

HOMEM 1 – Mas, ao entrar no avião, tens de ter os velcros do colete bem fechados, caralho, porque senão apanhas uma despressurização e são diamantes a voar por todo o lado. E no avião o que é que comes?

MULHER 2 – Como/

HOMEM 1 – Comes o que te apetecer, caralho, isso não interessa. E depois, quem é que está à tua espera?

MULHER 2 – O Luca.

HOMEM 1 – O Luca, foda-se? O Luca foi preso! É o Tonino que está à tua espera! (*repara na expressão dela*). Porque é que estás a fazer essa cara de espanto?

MULHER 2 – Não estou a fazer cara nenhuma! Sou uma máquina sem emoções.

HOMEM 1 – És uma máquina sem... o que é essa merda? Isto não é um filme! Onde é que tu ouviste isso? Foda-se, vocês são umas crianças! Isto é realidade. (*acalma-se*) Pronto, entregaste o colete ao Teodoro, o que é que ele te dá?

MULHER 2 – O Teodoro? Mas não era o Tonino que estava à minha espera?

HOMEM 1 – Foda-se, o Teodoro é o Tonino, mas tu não lhe podes chamar Tonino.

MULHER 2 (*impressionada*) – O Teodoro é o Tonino!

HOMEM 1 – Um bilhete para Luanda, ele dá-te um bilhete para Luanda. E em Luanda a Nina junta-se a ti, com dois coletes, um para ti e outro para ela, e com bilhetes para Moscovo.

MULHER 2 – Como é que eu a reconheço?

HOMEM 1 – Foda-se, concentra-te! Estás quase a chegar ao fim. Tu sabes o que eu sofro? Sabes o que eu sofro sozinho na Ilha de Man, enquanto vocês andam pelo mundo de um lado para o outro? Sabes? Achas que isto tem piada?

MULHER 2 – Desculpa...

HOMEM 1 – Estás em Luanda, não há stress! Ela leva uma folha com o teu nome. E depois, em Moscovo, ela junta-se ao Joseph e ficas sozinha outra vez.

MULHER 2 – E depois, regresso?

HOMEM 1 (*irónico*) – Não, ficas lá. (*irritado*) É claro que regressas, caralho!

MULHER 2 – OK. E... qual é o nome da operação?

HOMEM 1 (*chocado*) – O nome da operação? O nome da ope... Foda-se, tu pensas que estás na polícia? O nome da operação é: “Faz esta merda bem e safas-te”. Dúvidas?

MULHER 2 – Não.

HOMEM 1 – Diz-me o nome dos teus contactos por ordem de entrada em
cena.

MULHER 2 – Thomas, Boris, Leni, Teodoro, Nina.

HOMEM 1 – Bom.

MULHER 2 – E o meu nome de código?

HOMEM 1 – O teu nome de código? O teu nome de código? Foda-se...
Como é que tu te chamas?

MULHER 2 – Ana...

HOMEM 1 – Usa esse.

*MULHER 2 dirige-se à cabine e senta-se. HOMEM 1 dirige-se à extremidade
da mesa e senta-se. HOMEM 2 entra e senta-se à mesa na extremidade
oposta, de frente para o HOMEM 1. Ao fundo, A JARDINEIRA instala-se no
cimo das escadas a ler.*

MULHER 2 (*lendo ao microfone*) – “A Torneira”: Repita palavras e
expressões chave. Mantenha as palavras cuidadosamente separadas e controle
a sua cadência.

HOMEM 1 – Eu queria comprar um cavalo.

HOMEM 2 – Desculpe?

HOMEM 1 – Eu queria comprar um cavalo.

HOMEM 2 – Desculpe?

HOMEM 1 – Eu queria comprar um cavalo.

MULHER 2 (*lendo ao microfone*) – “O Martelo”: Repita uma expressão num grande número de frases. A expressão deve ilustrar um tema central do discurso e pode ser enfatizada de cada vez que é dita.

HOMEM 1 – Comprar um cavalo.

HOMEM 2 – Um cavalo?

HOMEM 1 – Comprar um cavalo.

HOMEM 2 – Um cavalo?

HOMEM 1 – Comprar um cavalo.

HOMEM 2 – Um cavalo?

HOMEM 1 – Comprar um cavalo.

MULHER 2 (*lendo ao microfone*) – “O Martelo Pneumático”: Repita uma palavra rapidamente e várias vezes seguidas. Pode aumentar o poder do Martelo Pneumático se for aumentando o volume de cada vez que repete.

HOMEM 1 (*repete, cada vez mais alto*) – Cavalo! Cavalo! Cavalo! Cavalo!
Cavalo! Cavalo! CAVALO! CAVALO!

MULHER 1 entra e dirige-se à cabine. MULHER 2 abandona a cabine e sai. MULHER 1 ocupa o seu lugar. Traz consigo duas máquinas que manipula para produzir sons ilustrativos do diálogo entre os dois homens.

HOMEM 1 (*de novo calmo*) – Eu queria que me vendesse um cavalo.

HOMEM 2 – Desculpe?

HOMEM 1 – Um cavalo.

HOMEM 2 – Um cavalo?

HOMEM 1 – Um cavalo. Disseram-me que tinha um cavalo para vender.

HOMEM 2 – Disseram-lhe que eu tinha um cavalo?

HOMEM 1 – Eu sei que tem um cavalo.

HOMEM 2 – Isso é uma metáfora? Não está a falar de droga, pois não?

HOMEM 1 – Não. Um cavalo. Um animal.

HOMEM 2 – Ah, mesmo um animal.

HOMEM 1 – Um animal rodado, um animal batido, um cavalo ferrado, um cavalo até mal amado. Mas adulto e treinado.

HOMEM 2 – Hmm... E quanto é que dava por um animal desses?

HOMEM 1 – Depende. Cinco mil, dez mil, vinte mil... tudo depende do cavalo.

HOMEM 2 – Faz sentido.

HOMEM 1 – Tem um cavalo ou não tem um cavalo?

HOMEM 2 – Ora bem...

HOMEM 1 – Diga.

HOMEM 2 – ... não.

HOMEM 1 – Pronto. Foi o que me disseram antes. Que você ia negar ter um cavalo para se mostrar desinteressado no negócio e me obrigar a fazer subir o preço.

HOMEM 2 – Quem é que lhe disse isso?

HOMEM 1 – Talvez eu pudesse ser mais generoso... Vinte e cinco mil? (*o outro não reage*) Trinta mil? (*o outro não reage*) Podia chegar aos quarenta

mil, mas aí estaríamos a falar de um puro-sangue... é isso que me está a tentar dizer? Um puro-sangue? Está a vender-me um puro-sangue?

Pausa.

HOMEM 2 – Eu não tenho um cavalo.

HOMEM 1 – Não tem um cavalo?

HOMEM 2 – Não.

HOMEM 1 – Não tem um cavalo?

HOMEM 2 não responde.

HOMEM 1 – Pronto. Não tem. Mas descreva-me o cavalo que teria se tivesse um cavalo.

HOMEM 2 – Se tivesse?

HOMEM 1 – Sim. Se tivesse. Imagine. Visualize o seu cavalo.

HOMEM 2 – Bem, se tivesse, seria um cavalo preto, alto, meigo, muito elegante e musculado, jovem, três anos, quatro no máximo, com um pescoço esguio, um pelo muito sedoso, e aqui, no flanco direito, uma pequena cicatriz que só eu conheço, um pequeno acidente com um portão. E veloz, muito veloz mesmo.

HOMEM 1 – Nome, tem?

HOMEM 2 – Claro: Flecha.

HOMEM 1 – Então, se tivesse um cavalo preto, alto, meigo, muito elegante e musculado, jovem, três anos, quatro no máximo, com um pescoço esguio, um pelo muito sedoso, e aqui, no flanco direito, uma pequena cicatriz que só você

conhece e veloz, muito veloz mesmo, quanto é que pedia por ele? Cinquenta mil euros?

HOMEM 2 – Cinquenta mil euros é o preço deste cavalo?

HOMEM 1 – Diga-me você. Conte-me a história desse cavalo.

HOMEM 2 – Tem uma história?

HOMEM 1 – Claro, então, tem que ter uma história.

HOMEM 2 – É um cavalo órfão que teve muitos problemas de saúde no primeiro ano de vida e está comigo desde que nasceu.

HOMEM 1 – Mas então, esse cavalo, que é quase um filho, tem de valer muito mais dinheiro.

HOMEM 2 – Tem?

HOMEM 1 – Quanto? Setenta e cinco mil euros? Oitenta mil euros?

HOMEM 2 – Oitenta mil euros? Você tem muito dinheiro! Se eu tivesse oitenta mil euros quase pagava a casa.

HOMEM 1 – Noventa mil euros então?

HOMEM 2 – Ena, noventa mil euros! Isso é muito dinheiro para uma pessoa normal. Mesmo por um cavalo como o Flecha.

HOMEM 1 – Temos negócio? Por noventa mil euros temos negócio?

HOMEM 2 – Não sei... ia ser difícil desfazer-me do Flecha...

HOMEM 1 (*perdendo a paciência*) – Olhe que eu não sou parvo. Se é assim que vai ser já só lhe dou oitenta e cinco mil euros.

HOMEM 2 – Porquê?

HOMEM 1 – Porque desconfio que o seu cavalo tem um problema... nos cascos. É isso, tem um problema nos cascos, não é? Setenta e cinco mil euros e já não leva mais do que isso.

HOMEM 2 – Mas ainda há bocado o Flecha valia noventa mil euros!

HOMEM 1 – Mas já não vale! Sessenta e cinco mil euros: é pegar ou largar, porque a partir de agora é sempre a descer.

HOMEM 2 – Mas valia noventa!

HOMEM 1 – Pois valia, mas agora já só lhe dou cinquenta. Como é? Temos negócio?

Pausa.

HOMEM 2 – Eu não tenho nenhum cavalo.

HOMEM 1 – Eu estou a ficar desesperado!

HOMEM 2 – Desculpe, se calhar eu posso ajudá-lo. Veja (*mostra uma pinhata em forma de cavalo*). Eu tenho esta pinhata em forma de cavalo. Não é um cavalo, mas é grande e bonita. E por dentro está cheia de coisas boas. As crianças vão adorar! Custou-me vinte e cinco euros. Pode ficar com ela pelo preço que me custou a mim.

HOMEM 1 – Tire esse sorriso da cara, pegue na pinhata e meta a pinhata no cu mais a piça do seu cavalo! Não brinque comigo. Olhe que uma pessoa passa-se numa situação destas! (*grita, abanando a mesa*) Venda-me mas é a merda do cavalo!

HOMEM 2 – Estúpido!

Ao fundo, A JARDINEIRA começa a cortar partes das plantas e a colocá-las nas formas de terra.

MULHER 1 (*lendo ao microfone*) – Entrada: Ao entrar no palco para fazer o seu discurso ou apresentação faça-o com uma confiança calma. Não avance timidamente nem marche agressivamente por ali adentro. Limite-se a andar com uma passada normal, como se fizesse isto todos os dias. Olhe para onde vai. Tente não parecer nervoso ou arrogante. Quando se está nervoso geralmente os outros conseguem percebê-lo porque fazemos gestos repentinos e tiques que envolvem todas as partes do corpo. Não mostre os seus tiques. Controle a sua respiração. Não respire muito depressa ou poderá hiperventilar e ficar tonto. Projecte a voz até ao fundo da sala. Antes de começar a falar, pode encarar a assistência e cumprimentá-la. Se houver um anfitrião, olhe para ele e cumprimente-o como se fosse um amigo, sorrindo, apertando-lhe a mão, e dizendo mesmo algumas palavras, por exemplo:

Ouve-se em voz-off Bill Clinton afirmando “I did not have sexual relations with that woman”.

HOMEM 2 traz dois bancos para a frente de cena. Senta-se num. MULHER 1 sai da cabine. Senta-se no segundo banco. MULHER 2 entra com um quadro branco e uma caneta. Entrega a caneta ao HOMEM 1 e fica de pé a segurar o quadro.

HOMEM 1 – Hoje vamos trabalhar a duas dimensões. (*representa o mundo através do paralelo e meridiano correspondentes ao Mar de Aral*) Ampliamos (*apaga e desenha uma secção em branco*): não se vê nada, tudo branco naturalmente, é uma zona desértica. Ampliamos novamente (*apaga de novo e desenha um pormenor ampliado*) e vemos o Mar Aral, mesmo a meio da Grande Rússia, visto de cima. À direita Rostov (*desenha*). À esquerda uma indústria de extracção de sal (*desenha um esquema da indústria de extracção de sal, depois hesita*). Minto, perdão. Esta é uma imagem posterior (*apaga desenho da indústria de sal e desenha esquema da indústria de carvão*). Esta

é a imagem certa: À esquerda uma indústria de carvão. Bom, esquerda, direita... como diria Einstein, é tudo muito relativo! Deste lado sempre a extracção de carvão, no contexto da indústria pesada da URSS, portanto sem grandes considerações pelo planeta e pela natureza que se deviam submeter às massas e à revolução (*desenha símbolo da foice e martelo*). E agora a rotação do eixo Z (*gira o quadro, que fica na horizontal*): passamos a ter um corte (*desenha um corte*). Em Rostov podemos ver uma plataforma de lançamento de foguetões; atingiam-se aqui temperaturas na ordem dos mil e quinhentos graus Celsius, o que implicava, como imaginam, grandes necessidades de arrefecimento, e originou mesmo dois acidentes – em 1952 e 1954... mas posso estar a cometer uma imprecisão. Passou-se então a bombear água a partir do Mar Aral para arrefecer a plataforma, milhões de galões, perdão de litros, que baixaram as temperaturas para a casa dos mil graus Celsius. Curiosamente estamos a falar de uma zona atravessada por lendas relacionadas precisamente com a extracção de carvão e que são comuns a uma imensa área que vai da Rússia à Austrália passando pela China (*apaga tudo e desenha uma ilha com uma cabana central e cinco figuras à volta*). Em certas cosmogonias defendia-se que, no início dos tempos, os cinco continentes estariam unidos e no meio havia uma cabana onde habitava a Grande Deusa Loira; à volta, cinco canoístas que remavam constantemente para fazer progredir a ilha no grande mar do mundo. De forma rotativa, cada um dos canoístas visitava a Grande Deusa Loira. Naturalmente a ausência de um canoísta do seu posto implicava alterações no rumo da ilha: por exemplo quando o canoísta de sudoeste visitava a Grande Deusa Loira a ilha desviava-se para nordeste; e quando o canoísta de sudeste visitava a Grande Deusa Loira a ilha desviava-se para noroeste. Destas relações nasceram inúmeros Deuses e Semi-Deuses que a Grande Deusa Loira amamentava, tendo a Via Láctea saído do seio direito da grande Deusa. Do esquerdo saiu um leite tão

puro que deu origem ao grande veio de diamantes que atravessa a Terra. Toda esta situação terá gerado uma rivalidade entre os cinco canoístas que levou a ilha a dividir-se em cinco partes que dão origem aos cinco continentes. *(desenha os continentes organizados de outra forma e deixa um espaço a mais no centro)*. Sobra um pedaço no meio que é precisamente... Madagáscar, que na realidade é maior do que África. Porque os mapas normais estão muito mal desenhados! A Terra devia estar espalhada de forma mais uniforme na água. O planeta é muito mais pequeno do que se pensa! Eu consigo ir de um lado ao outro da cidade a pé em dez minutos, o pólo sul é minúsculo, o pólo norte em rigor não existe, na verdade a Terra gira ao contrário, portanto assim *(gira o quadro da esquerda para a direita)* estamos na rotação errada e assim *(gira o quadro da direita para a esquerda)* estamos na rotação certa! E o que acontece é que o veio de diamantes fica repartido pelos cinco continentes *(desenha um veio de diamantes)* passando precisamente em Aral! Porque carvão e diamante são exactamente a mesma coisa, só diferem pela organização dos átomos de carbono. *(apaga tudo e desenha novamente o Mar de Aral em corte)* Mas voltemos à demonstração anterior: O que se passa é que a extracção de carvão começou a gerar fissuras nas galerias criando um efeito de vórtex que puxava as águas do mar para baixo. Isto levou à selagem das galerias com betão. E foi a impermeabilização das galerias aliada à água bombeada em Rostov que acabou por secar o mar, expondo uma imensa placa de sal que está na origem, agora sim, da fábrica de extracção de sal que já tínhamos visto no início e que ainda hoje funciona *(troca o desenho de uma indústria pelo de outra)*, produzindo um sal negro, menos denso que o sal normal *(desenha uma montanha de sal com uma pessoa em cima)*. Deixo-vos em jeito de conclusão com uma imagem da Grande Deusa Loira!

HOMEM 1 desenha um corpo de mulher no quadro. Dá uns passos em frente para encerrar a sua comunicação. MULHER 2 aproxima-se dele, carregando o quadro, com a imagem da Grande Deusa Loira a sobrepor-se ao seu corpo.

HOMEM 1 – Por vezes a história do mundo não está muito bem contada mas... *(repara no quadro ao seu lado) Deixem-me só desligar isto. (desenha um símbolo de desligar e carrega nele, mas o quadro continua a segui-lo) Estamos aqui com um problema... (desenha a mensagem “Error” e carrega insistentemente no desligar; a MULHER 2 cai de joelhos com o quadro nas mãos) Parece-me que agora sim... (o quadro continua a persegui-lo; ele carrega no “desligar” mais uma vez; o quadro cai de lado com a imagem da Grande Deusa Loira tombada) Agora sim!*

HOMEM 1 dirige-se à cabine e senta-se. MULHER 2 reaparece por detrás do quadro caído. MULHER 1 e HOMEM 2, sentados à sua frente, preparam-se para uma demonstração: MULHER 1 produzindo sons para um megafone, HOMEM 2 fazendo os gestos apropriados.

MULHER 2 – A posição de impacto estabelece que os passageiros devem posicionar os pés para trás relativamente aos joelhos e dobrar a parte superior do corpo. Se o assento à frente não estiver alcançável, os passageiros devem dobrar o corpo pela cintura o máximo que conseguirem, pousando o peito nas coxas, e agarrar as pernas com os dois braços, mantendo-os bem apertados contra o corpo. Se o assento à frente estiver alcançável, os passageiros devem pousar a cabeça contra o assento, colocar as mãos uma em cima da outra sobre a cabeça - sem entrelaçar os dedos - e apertar os cotovelos contra a cara. E é aqui que começamos a perguntar: Se perdermos o controlo e nos espatifarmos lá em baixo, como é que estar dobrado para a frente com as mãos sobre a cabeça me vai salvar a vida? E se isto não me salva a vida porque é que eles querem que eu me ponha nesta posição? Há duas

explicações: A primeira diz-nos que a posição de impacto permite que o pescoço se parta rapidamente com o efeito da queda a pique. Isto proporciona aos passageiros uma morte imediata e poupa-os ao sofrimento atroz do impacto final e da explosão. Também poupa muitos milhões às companhias de aviação porque assim se evitam os processos de indemnização accionados pelos sobreviventes aleijados. A segunda explicação diz-nos que a posição de impacto simplifica extraordinariamente os trabalhos depois do acidente: com os corpos conservados de forma mais compacta, a cena do desastre fica muito mais organizada, e a identificação dos cadáveres é extremamente facilitada.

MULHER 2, MULHER 1 e HOMEM 2 saem. Ao fundo, A JARDINEIRA começa a re-encher lentamente os vasos transparentes com a areia que caiu. HOMEM 2 regressa com um jogo de Jenga em madeira, e senta-se à mesa a jogá-lo.

HOMEM 1 / VÍTIMA DE HAMELIN (*ao microfone*) – Eu não me lembro de muita coisa... de que é que eu me lembro? Lembro-me de ser feliz! Lembro-me de jogar à bola, de brincar, de ir à escola... Depois, um dia, quando estava a brincar com os meus amigos, apareceu um rato. Foi assim que começou. De repente havia ratos por todo o lado, nas ruas, nas lojas... Já não se podia ir à escola, não se podia brincar na rua. Tivemos de fechar as janelas e pôr jornais por baixo das portas, mas eles começaram a entrar em casa, pelos buracos, pelos respiradouros da casa de banho. Eles comiam a comida, roíam as roupas... o livro que eu estava a ler... nunca mais vou saber o fim da história porque eles roeram as últimas folhas... As pessoas da cidade faziam reuniões para falar dos ratos, mas eu era muito pequeno para participar. Não sei do que é que falavam. Só sei que um dia a minha mãe estava à janela, a olhar para a rua, e estava tão feliz! Eu fui espreitar e de repente vi... estava um homem a passar, um homem com uma flauta, e os ratos iam atrás dele, milhares,

milhões de ratos, um rio de ratos! E pronto, de repente já éramos felizes outra vez! Nessa noite houve uma grande festa, e as pessoas cantaram e dançaram. Quando voltámos para casa eu não conseguia dormir, estava tão... eu posso dizer “excitado”? E comecei a ouvir os meus pais a discutir. A minha mãe só perguntava: “Mas porque é que não lhe pagam? Porquê? Diz-me porquê! Explica-me!” Os meus pais nunca discutiam... Mas ouvi o meu pai a dizer que não, e que não, e que tocar flauta qualquer um tocava... Depois, no dia seguinte, lembro-me de estar na escola e começar a ouvir uma música muito bonita, tão bonita! E depois levantei-me e fui atrás da música. Os meus amigos da escola também se levantaram e foram. Depois... é difícil, não sei explicar... Era uma sensação para lá de maravilhosa! Lembro-me que cheirava a flores, lembro-me de me sentir muito leve, como se flutuasse, e muito feliz. Estava uma espécie de nevoeiro, tudo branco e enevoadado à volta, mas eu conseguia ver os outros ao pé de mim, a sorrir. Era como se estivéssemos muito longe uns dos outros, estávamos lado a lado, mas era como se estivéssemos sozinhos... E aquela silhueta ao fundo, que nos chamava... Agora eu sei que era o mesmo homem. Depois lembro-me de pouca coisa. Sei que um dia acordei cheio de frio e cheio de dores, e já não conseguia ouvir a música. Já não me sentia feliz, sentia medo! Não sei quanto tempo tinha passado, mas tinha sido muito porque o meu corpo estava maior, eu tinha crescido. De repente percebi que tinha de sair dali. Os meus pais dizem que foi nessa altura que eu tive consciência, mas o que eu tinha era pus a escorrer dos ouvidos – foi uma otite. Desatei a correr, corri, corri... E depois encontrei uma cabana e bati à porta. Quando abriram, era um casal de velhotes, e eu lembro-me de ter pensado “Espero que não sejam como aqueles da história que o meu pai me contava!”. Mas não, eram simpáticos. E quando o meu pai me viu, disse o meu nome, começou a chorar e só dizia “Desculpa, desculpa, desculpa...”. Eu desculpei. Eu acho que eles sabem que não deviam

ter feito aquilo. Se aquele homem me estiver a ouvir, queria dizer-lhe que eu desculpo. Ele podia voltar e trazer os meus amigos... ele até podia ficar cá a viver e, de vez em quando, tocar para nós. Se todos voltassem e todos pedissem desculpa podíamos ser felizes outra vez... Porque isto agora, como está... *(mais baixo)* está uma merda!

HOMEM 2 levanta-se subitamente, deixando o Jenga na mesa, e dirige-se à cabine. Retira o microfone do suporte e agarra-o na mão.

HOMEM 2 *(ao microfone)* – Parece fácil optar pela simplicidade, não é? Seguir o trilho seguro em que os pés se ajustam ao chão como se o solo sempre fosse familiar.

MULHER 1 entra com uma tenda de campismo Quechua fechada.

HOMEM 2 *(ao microfone)* – Mas só a comunhão com a natureza e o tempo nos permite perceber em toda a sua vastidão o espaço e a realidade de que fazemos parte, uma realidade em profunda e rápida mutação, em que as necessidades de abrigo, segurança e conforto já não são um luxo mas uma exigência. E se o sonho estivesse ao nosso alcance com um simples gesto? E se uma casa para quatro se pudesse materializar a partir do desejo? E se tudo isto se pudesse montar em dois segundos?

MULHER 1 atira ao ar a tenda, que fica montada em segundos. Começa a demonstrar a utilização da tenda, com um ar artificialmente feliz.

HOMEM 2 *(ao microfone)* – Só com ferramentas melhoradas e transmitidas pelas gerações que nos precederam, podemos adaptar-nos de forma eficiente e sem perturbar o ecossistema, usando técnicas e mecanismos afinados pelo próprio meio ambiente. Porque para alcançar a plenitude, o equilíbrio e a perfeita harmonia de cada elemento no todo, é necessária a contemplação e a imersão no universo dos sentidos. Só assim poderemos criar sistemas

económicos e práticos que se desmontam com a mesma facilidade com que se montam. E atenção, porque isto é uma promessa.

MULHER 1 começa a tentar desmontar a tenda, mas tem alguma dificuldade.

HOMEM 2 (ao microfone) – Somos absolutos milagres da natureza, feitos de carbono e água, numa empatia subtil com o corpo que nos nutre e protege. Cada gesto, cada movimento, é a conjugação de um saber-fazer antigo que se foi moldando pelo tempo, como as colheres de pau que a avó usava para mexer a marmelada, lentamente redesenhadas pelo contacto de anos com o metal do fundo do tacho, até adquirirem a forma perfeita.

A desmontagem da tenda fica fora de controle. HOMEM 1 sai da cabine e tenta ajudar MULHER 1. MULHER 2 entra trazendo um computador portátil e duas taças com aperitivos. Vê HOMEM 1 e MULHER 1 a lutarem com a tenda. Pousa o portátil e as taças na mesa e aproxima-se para ajudá-los.

HOMEM 2 (ao microfone) – Evoluímos para enfrentar os desafios do quotidiano. Inovamos prestando tributo à tradição. Escutamos a sociedade em busca de soluções integradas.

A tenda passa por cima da mesa, deitando abaixo o Jenga, e vai cair no limite do território d'A JARDINEIRA.

HOMEM 2 (ao microfone) – Respeitamos os ritmos da natureza sem perder a capacidade de sonhar. Não se trata de sobreviver. Trata-se de crescer em conjunto.

MULHER 1 e MULHER 2 olham para a tenda, frustradas, e saem. Ao fundo, A JARDINEIRA continua pacientemente a re-encher os vasos com areia.

HOMEM 1 e HOMEM 2 sentam-se na mesa, lado a lado, abrem o portátil e ficam a olhar para o ecrã, enquanto comem os aperitivos. O ecrã da cabine

transmite imagens do site onde eles estão a navegar, www.worldometers.info, que mostra estatísticas mundiais actualizadas em tempo real. Eles olham fascinados para os números que se vão alterando.

HOMEM 2 – Outro.

HOMEM 1 – Outro.

HOMEM 2 – Outro.

HOMEM 1 – Tanta gente a morrer em acidentes!

HOMEM 2 – Outro.

HOMEM 1 – Se calhar é um acidente em cadeia.

HOMEM 2 (*simulando*) – Eu vou a guiar...

HOMEM 1 – Eu sou o passageiro. Espera, estamos ao contrário.

Trocam de cadeiras e simulam a condução e a derrapagem que antecede o acidente.

HOMEM 1 (*olhando o ecrã*) – Morreste!

HOMEM 2 – Tu safaste-te! (*pausa*) Não, morreste agora!

HOMEM 1 – Foi alguém que nos bateu depois, percebes? O carro ficou atravessado com o meu lado virado para trás e bateram-me em cheio.

HOMEM 2 – Outro.

HOMEM 1 – Agora deve ter sido um mirone que parou do outro lado para ver e levou com um camião por trás. Acontece imenso...

HOMEM 2 – Praticamente morre tanta gente em acidentes de carro, por ano, como de SIDA.

HOMEM 1 – Mas por ano morrem mais de cancro.

Pausa.

HOMEM 1 – Tu és o cancro e eu sou a SIDA.

Vão repetindo “cancro” e “SIDA”, enquanto contam as respectivas mortes no mundo; ouve-se mais vezes a indicação de “cancro”.

HOMEM 1 – O cancro ainda tem uma boa vantagem.

HOMEM 2 – Mas sobre as crianças e bebés não. Morrem mais crianças com menos de cinco anos do que pessoas com cancro: *(acompanhando o aumento dos números no ecrã)* Criança, criança, criança.

HOMEM 1 – E mães durante o parto, olha para isto!

HOMEM 2 – Pois... será que quando passam os números ao mesmo tempo – uma criança a morrer e uma mãe a morrer no parto – é porque o bebé também morreu?

HOMEM 1 – Não sei.

Pausa.

HOMEM 2 – Mas há coisas boas: olha, pessoas sem acesso a água potável. Olha, sempre a descer. Deve ser alguém que está a abrir um poço.

HOMEM 1 – Ou uma ETAR nova.

HOMEM 2 – Mas há doenças da água: *(lendo)* “Mortes por doenças relacionadas com água”- já passa um milhão e meio este ano.

HOMEM 1 – Mas à fome morrem menos... só vinte mil. *(Pausa. Subitamente chocado)* Por dia! Vinte mil pessoas por dia!

HOMEM 2 – E os gordos, caramba, quinhentos milhões de obesos...

HOMEM 1 – ... olha isto, olha isto, foda-se, olha o dinheiro que os Estados Unidos gastam a tratar os gordos, para cima de trezentos milhões de dólares.

Pausa.

HOMEM 2 – Por dia! Os gajos gastam trezentos milhões de dólares por dia a tratar dos gordos! Quanto é que isto dá por ano? (*tenta fazer contas mas não consegue*)

HOMEM 1 – E os outros todos a morrerem à fome!

HOMEM 2 – Fora os subnutridos, que também estão a morrer à fome mas ainda não morreram.

HOMEM 1 – É muita gente... Mas porque é que eles não fazem nada para não morrer?

HOMEM 2 (*apontando o ecrã*) – Olha, este que morreu agora podia ter comido o que morreu antes. É um estado de necessidade! Ou este agora tinha comido o outro.

HOMEM 1 – Ou os americanos mandavam-lhes os gordos para eles comerem. Que merda!

HOMEM 2 – Que merda... cento e cinquenta mil dias para acabar o carvão.

HOMEM 1 – Sessenta mil dias para acabar o gás.

HOMEM 2 – Quinze mil para acabar o petróleo.

HOMEM 1 – Estamos fodidos!

HOMEM 2 – Estamos fodidos! E olha a quantidade de energia que estamos a consumir hoje, sempre a subir, sempre a subir.

HOMEM 1 – Achas que se desligássemos aqui a luz os números ali desciam?

A luz apaga-se. Eles continuam iluminados pela luz do ecrã do portátil. Ao fundo, A JARDINEIRA acende uma lanterna e continua a trabalhar. No ecrã da cabine a imagem das estatísticas desaparece e surge uma silhueta anónima. Ouve-se uma voz infantil.

MONSTRO (*voz-off*) – Isto é uma perda de tempo. Eu não sou uma pessoa violenta. Podia ter destruído a cidade e não o fiz. Não sou de vinganças. Nunca fui. Mas as pessoas às vezes esticam a corda. E há limites. Nada disto é minha responsabilidade. Dizem que a decisão foi tomada por todos. Seguramente foi tomada por uma maioria. Pois eu digo que, se o que caracteriza uma sociedade democrática são os seus objectivos e os meios pelos quais tenta alcançá-los, então esta gente escolheu implodir como sociedade democrática. Desprezaram a minha música. Riram-se na minha cara. Não quiseram pagar o preço justo. Pois, meus amigos, o preço agora é outro! Eu sei que é cruel, mas chegados aqui, só se pode agir de duas maneiras: ou se suporta, sem abrir a boca, esta humilhação; ou se desperta uma vontade ardente de pôr fim a estas afrontas incessantes. Do que é que toda a gente gosta? Festa, não é? Animação? *Confettis*, chapelinhos, alegria... crianças? Pois foi exactamente isso que lhes roubei. Vou dizer-vos com toda a sinceridade: Eu odeio ratos. Eu não gosto de crianças. Nem sequer gosto de pessoas em geral. Só há uma coisa de que eu gosto verdadeiramente: Música.

A luz regressa. A JARDINEIRA apaga a lanterna e continua a trabalhar. A imagem das estatísticas regressa ao ecrã da cabine.

HOMEM 1 – Está na mesma.

Pausa.

HOMEM 2 – Hectares perdidos...

HOMEM 1 – Livros editados...

HOMEM 2 – Carros produzidos...

HOMEM 1 – Bicicletas...

HOMEM 2 – Tanta bicicleta! Como é que é possível?

HOMEM 1 – São os Chineses.

HOMEM 2 – Já somos sete mil milhões.

HOMEM 1 – Tanta gente a nascer!

HOMEM 2 – E a morrer! (*acompanhando as estatísticas de mortes do site*)

Foste. Foste. Foste.

HOMEM 1 (*intercala, acompanhando as estatísticas de nascimentos do site*)

– Nasceu. Nasceu. Nasceu. Nasceu. Eu dizia “Chegaste”, mas não dá tempo!

Nasceu. Nasceu.

HOMEM 2 (*apontando o ecrã do portátil*) – Se tu morresses agora, eu via-te aqui.

HOMEM 1 – Faz antes assim... (*faz sinal a HOMEM 2 para que estale os dedos*)

HOMEM 1 bate palmas para acompanhar a contagem dos nascimentos e HOMEM 2 estala os dedos para acompanhar a contagem das mortes. A JARDINEIRA continua a encher os vasos.

Subitamente a luz apaga-se. O ecrã da cabine desliga-se. Por um momento ainda se ouvem palmas e estalidos; depois o computador portátil desliga-se e todo o barulho cessa.

FIM